

Dossiê Franz Boas: Etnografia e Linguagem

Apresentação

Danilo Paiva Ramos
Professor Doutor em Antropologia Social/Universidade Federal de Alfenas
Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Universidade
Federal de São Carlos
<https://orcid.org/0000-0002-3169-504X>
danilo.ramos@unifal-mg.edu.br

Karolin Obert
Pós-doutoranda em Linguística/Universidade de Lund
<https://orcid.org/0000-0003-4612-0158>
karolin.obert@ling.lu.se

Introdução

O dossiê *Franz Boas: Etnografia e Linguagem* apresenta uma tradução da Introdução de Franz Boas ao *Handbook of American Indian Languages* (IHAIL), acompanhada por artigos que ajudam a contextualizar a obra e também esperam demonstrar que uma retomada da obra boasiana a partir de uma perspectiva crítica pode ser relevante para trabalhos interdisciplinares nos campos da Antropologia e da Linguística que se desenvolvam a partir de uma abordagem etnográfica sobre a linguagem. De modo surpreendente, o trabalho de F. Boas, publicado em 1911 pelo Instituto Smithsonian/Departamento de Etnologia Americana, mantém-se pouco conhecido entre os pesquisadores brasileiros, quer pela ausência de uma tradução da obra, quer pelo modo como linguistas e antropólogos mantiveram-se afastados das contribuições de F. Boas para os estudos da linguagem.

Como afirma Mattoso Câmara Jr. (1975), a IHAIL consolida os princípios que orientaram os trabalhos de F. Boas na descrição e classificação das línguas indígenas norteamericanas, buscando evidenciar semelhanças estruturais entre essas línguas através da análise de traços linguísticos gerais como categorias gramaticais e traços fonéticos.

A independência entre estrutura linguística, cultura e raça, o caráter de padronização e a natureza inconsciente desse padrão são alguns dos princípios que orientam a visão geral de F. Boas sobre a linguagem, situando um contraponto marcante com a Linguística europeia de seu tempo. Demonstrando também a importância da contribuição de F. Boas na IHAAL, Claude Lévi-Strauss (1973) afirma que foi nesse trabalho que, ao apresentar seu ponto de vista sobre a linguagem, F. Boas definiu a natureza inconsciente dos fenômenos culturais, lançando bases sólidas para os estudos estruturalistas em Antropologia e em Linguística. Briggs (2002), por seu turno, afirma que as elaborações de Boas sobre a linguagem informaram a retórica sobre o conceito de cultura na Antropologia norte-americana e modos particulares de produzir reflexões sobre desigualdade de autoridade, consciência, poder, e agência.

Em sua coletânea de trabalhos de F. Boas escritos entre 1883 e 1911, Stocking Jr. (2004) aponta que o primeiro volume do HAIL representou uma mudança profunda nos métodos e pressupostos da Linguística norte-americana, proporcionando embasamento para a Linguística descritiva de sua época e atual (2004: 193). Se, nas primeiras pesquisas de F. Boas sobre as línguas Salish, ele se manteve próximo à abordagem de John Wesley Powell, realizando incursões a campo para o levantamento de listas de palavras, notas gramaticais e problemas de classificação dos troncos linguísticos, aos poucos ele foi dedicando-se cada vez mais ao estudo sistemático das estruturas gramaticais. Em 1890, F. Boas começou a ter um papel cada vez mais importante nos estudos linguísticos do Departamento de Estudos Etnológicos e, em 1901, tornou-se filólogo honorário e passou a coordenar a área e uma importante equipe de pesquisadores da qual fez parte E. Sapir.

F. Boas buscou então definir os pressupostos metodológicos que orientariam a consolidação das bases científicas do estudo analítico das línguas indígenas. Sua descrição da língua Kwakiult colocava-se como modelo de análise a ser seguido pelos demais pesquisadores do grupo. Como mostra Stocking Jr. (2004), um ponto importante da abordagem boasiana foi a contraposição à noção difundida na época de que as línguas indígenas norte-americanas “constituíam-se sobre um mesmo princípio psicológico, incorporativo, que na sequência evolutiva ficava entre o isolante e o inflexivo” (2004: 195). Segundo o autor, Boas sustentava a importância de considerar a ampla variedade de bases psicológicas das línguas americanas, tendendo a enfatizar a relação entre língua e visão de mundo a partir de uma perspectiva relativista que afastava qualquer determinismo linguístico que pudesse ser correlacionado a determinismos raciais ou evolutivos (idem).

De acordo com Duranti (2003), os trabalhos de Boas sobre as línguas indígenas norte-americanas estabelecem as bases para a consolidação do primeiro paradigma sobre a relação entre língua e cultura da Antropologia estadunidense. Boas estabeleceu

um contraponto crítico quanto à suposição de relação direta entre língua e cultura que marcava a perspectiva de Powell, e rejeitou qualquer correlação entre língua e raça. A documentação das línguas e tradições culturais indígenas impunha-se pela ameaça de desaparecimento dos povos indígenas devido ao genocídio e à violência colonial em curso, o que permite entender sua abordagem como salvacionista. Diante da urgência de documentação das línguas e tradições culturais, Boas definiu os procedimentos do trabalho de campo linguístico que deveria ter como foco não apenas a coleta de listas de palavras, mitos e lendas, mas uma perspectiva analítica sobre a cultura, uma vez que muitas das categorias e regras da linguagem são inconscientes e não estão sujeitas a racionalizações secundárias (Duranti 2003: 324). Entretanto, a partir da abordagem teórica e metodológica de Boas, surge a visão de que a Linguística seria instrumental para a análise da cultura. Essa visão, que ganha força durante a consolidação dos departamentos de Antropologia no início do século XX nos EUA, faz com que linguistas cumpram um papel auxiliar e instrumental para a pesquisa antropológica. Isso resulta na saída de pesquisadores como E. Sapir e seus orientandos dos departamentos de Antropologia, em busca da estruturação de departamentos de Linguística autônomos e voltados ao estabelecimento das bases teóricas e metodológicas necessárias ao estudo da linguagem. Isso, segundo Duranti (2003), gerará o futuro afastamento de ambas as disciplinas no campo acadêmico norte-americano, culminando também no distanciamento quanto à pesquisa de campo.

A introdução ao HAIL foi assim elaborada cuidadosamente por F. Boas ao longo dos anos em que orientou os trabalhos descritivos e analíticos sobre línguas indígenas na América do Norte. Na primeira seção, o autor contrapõe-se criticamente às perspectivas acadêmicas que pressupunham determinismos nas relações entre raça, língua e cultura. A busca pela classificação das línguas indígenas exige a crítica a cada um dos argumentos evolucionistas que propunham correlações diretas entre mudanças e permanências entre tipo físico, língua e cultura. Na segunda seção, Boas apresenta as características principais da língua dando ênfase ao estudo dos traços essenciais da fala humana. Assim, Boas estabeleceu as bases para o estudo das características fonéticas das línguas indígenas norte-americanas e também para o estudo das estruturas e diferenças gramaticais entre essas línguas. A terceira seção consolida uma abordagem comparativa e relacional das línguas indígenas, o que possibilitou a reflexão sobre a variação e origem dos dialetos; as influências fonéticas, gramaticais e lexicais entre as línguas; a análise das semelhanças entre línguas por processos de disseminação de traços ou por desenvolvimentos paralelos; as incertezas nas definições de famílias linguísticas; e considerações sobre a influência do meio ambiente sobre a língua e dos traços psíquicos comuns. Boas dedica o quarto capítulo à apresentação da importância da interdisciplinaridade entre Linguística e Etnologia,

a partir das necessidades práticas dos etnólogos de comunicação para a realização de pesquisas etnográficas, mas também por meio da reflexão teórica e complementar entre as duas áreas em torno da relação entre língua e pensamento e sobre o caráter inconsciente dos fenômenos linguísticos, ponto esse fundamental para os desdobramentos teórico-metodológicos do estruturalismo em Antropologia. Por fim, a quinta seção introduz comparativamente as características marcantes das línguas indígenas norte-americanas.

Como mencionado, apesar de fundamental para o desenvolvimento da Linguística e da Antropologia, da influência que exerceu sobre o estruturalismo de Lévi-Strauss (Moura 2004: 356), e da importância para a consolidação de uma abordagem teórico-metodológica para o campo da Etnolinguística, a introdução ao HAIL aguardava ainda uma tradução para o português, sendo pouco conhecida e/ou valorizada por grande parte dos linguistas e antropólogos brasileiros. Assim, esse dossiê trará a oportunidade de romper o silêncio brasileiro quanto à obra linguística de Boas, permitindo a abertura de fecundos diálogos interdisciplinares.

Durante as últimas duas décadas, mais do que nunca, esses diálogos entre Antropologia e Linguística com base na proposta boasiana vêm tomando um lugar central nos ramos da documentação linguística e na linguística descritiva. Nessas linhas, pesquisadores têm argumentado a favor de uma abordagem interrelacional e interdisciplinar, focada na documentação de textos e de cultura, tendo como referência princípios centrais da abordagem boasiana (Epps et al. 2017). Além do mais, ter o plano de Boas como pano de fundo permite uma investigação da cultura por meio da qual a documentação linguística, a Antropologia Linguística e as prioridades das comunidades entram em um diálogo mais colaborativo. Finalmente, entende-se que esse diálogo pode resultar em parcerias de longo prazo entre pesquisadores e comunidades.

Ao introduzir a tradução dessa obra de Boas para a academia brasileira, queremos chamar atenção para a relevância de incluir o pensamento boasiano tanto na educação em Linguística quanto em Antropologia, o que consolida horizontes colaborativos, teóricos e práticos, permitindo aprendizados a partir da escuta das vozes ao nosso redor, como aconselha metodologicamente Boas em seus trabalhos.

Romper o silêncio com relação à obra linguística de Boas mostra-se como um passo importante para que futuros trabalhos produzidos por pesquisadores brasileiros partam de um princípio mais holístico, tendo como foco a documentação de línguas e culturas de povos indígenas de uma maneira integrada, tomando como referência o ponto de vista das próprias comunidades sobre suas línguas e artes verbais. Abre-se assim a possibilidade de escutas e estudos atentos às diferentes teorias e perspectivas ontológicas da linguagem de mestres da palavra como xamãs, narradores, cantores, lideranças e professores indígenas.

Dada a situação frágil em que as línguas e culturas dos povos indígenas se encontram hoje em dia, essas tentativas são de alta importância e urgência.

Na sequência, o artigo de Ramos busca refletir sobre o silenciamento em torno da obra linguística de Boas no Brasil, o que envolve o interesse tardio na tradução para o português da Introdução ao HAIL. No trabalho são analisados alguns pontos de aproximação e distanciamento entre as áreas da Antropologia e Linguística em meio ao processo de consolidação das questões e perspectivas de ambas as disciplinas no Brasil. A análise da operação de duplo silenciamento quanto aos estudos de Boas sobre as línguas indígenas aponta não apenas para a questão do afastamento acadêmico das disciplinas, mas igualmente para a proximidade encontrada nas atuações em campo, nos trabalhos participativos de documentação linguística e de artes verbais, e no engajamento comum em torno dos direitos indígenas, aspectos esses que justificam uma leitura crítica e atual da abordagem boasiana dos estudos da linguagem.

McCleary e Viotti discutem os benéficos de uma aproximação ao quadro metodológico de Boas para a linguística brasileira, apresentando os paralelos entre o modo de pensar boasiano e a semiótica da interação, entendendo a semiose como um processo externo ao sistema linguístico que leva em consideração o entorno do enunciado. Os autores demonstram a aplicação da semiótica da interação baseada em um estudo de caso de uma situação interacional que é a leitura de um mapa no tempo real, vivido. Os resultados dessa contribuição mostram claramente como a consideração da integralidade das atividades humanas pode levar a uma descrição de fatos linguísticos mais rica e mais completa.

Obert e Epps mostram, no seu artigo, um estudo de caso com os povos Dâw e Hupd'äh (família linguística Naduhup) sobre como a aplicação dos princípios metodológicos de Boas, tais como a criação de um registro que surge de maneira espontânea em seus contextos de uso e pela escolha dos próprios falantes, pode facilitar a descoberta de estruturas e de categorias gramaticais, lexicais e culturais que permaneceriam obscuras para o pesquisador caso este não permita o surgimento de pontos de vistas indígenas. As autoras mostram exemplos de codificação linguística da mobilidade no caso dos Dâw, como se dá a interação social na gramática dos Hupd'äh, e como esses dados podem enriquecer a descrição etnográfica.

A contribuição de Bonfim segue o espírito boasiano ao mostrar como a língua pode ser usada como fonte para entender conceitos culturais fundamentais. O autor mostra as possíveis relações entre um conjunto de morfemas classificados como *zooemas* e o plano mítico na língua Bakairi (Familia Karib Sul). A contribuição destaca o morfema *-do* que

expressa as lógicas classificatórias da cosmologia desse povo diferenciando entes como animais e artefatos em relação à escala da animacidade devido a sua participação em eventos míticos.

Dessa maneira, com essa coletânea gostaríamos de tornar o pensamento boasiano acessível para os estudiosos da Antropologia, Linguística, mestres das palavras indígenas e pesquisadores de outras áreas, mostrando também alguns trabalhos que já foram desenvolvidos tendo como referência as contribuições teórico-metodológicas de Boas. De nosso ponto de vista, esse movimento tem o poder de revelar fatos linguísticos e etnográficos inesperados e pode ajudar a refletir sobre o pensamento, teorias e perspectivas ontológicas sobre a linguagem de interlocutores de pesquisa engajados no registro, fortalecimento e retomada de suas línguas e artes verbais.

Referências

BRIGGS, Charles. 2002. Linguistic magic bullets in the making of a modernist Anthropology. *American Anthropology*, 104(2): 481-498.

CÂMARA JR., Mattoso. 1975. *História da linguística*. Petrópolis: Vozes.

DURANTI, Alessandro. 2003. Language as culture in U.S Anthropology. *Current Anthropology*, 44(3): 323-347.

EPPS, Patience; WEBSTER, Anthony; WOODBURY, Anthony C. 2017. A Holistic Humanities of Speaking: Franz Boas and the Continuing Centrality of Texts. *IJAL*, 83(1): 41-78.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1973. Linguística e Antropologia. In: _____. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 85-99.

MOURA, Maria. 2004. *Nascimento da Antropologia Cultural: Franz Boas*. São Paulo: Hucitec.

STOCKING JR., George. 2004. *Franz Boas: A formação da Antropologia Norte Americana 1883 – 1911*. Rio de Janeiro: Contraponto.